

Economistas elegem crise financeira o facto do ano

FRANCISCO JOSÉ CARDOSO
fcardoso@dnnoticias.pt

Seguindo o plano de actividades do ano que terminou, a Delegação Regional da Ordem dos Economistas (OE) elegeu o facto económico de 2008. E a crise financeira ganhou o seu papel perante a dimensão mundial que esta assumiu, praticamente, a partir de Outubro.

A iniciativa que procura salientar o que de mais significativo se verificou na economia mundial a cada ano, encarregou Vera Gouveia Barros, um dos elementos do Secretariado Regional da OE, de fazer a análise da escolha.

Dificilmente algo se sobreporia à crise financeira ou crise do 'subprime', recorda. "Pesquisando no Google, 'crise financeira' devolve cerca de 11.600.000 resultados e de 446.000 para 'crise do subprime'". E questiona: "Mas de que falamos, afinal?". Recuando uma década, até meados dos anos 90, frisa que "o mercado bolsista americano estava em alta, impulsionado por uma história colectiva em torno das empresas ligadas à internet, vulgo 'dot.com'", explica Vera Gouveia Barros. "A bolha especulativa foi insuflando, mas com a robustez de uma bola de sabão. Rebentou em Março/Abril de 2000. Receando uma recessão, Alan Greenspan - então Presidente da Reserva Federal Americana (FED) - baixou drástica e subitamente as taxas de juro".

Recuando ainda mais, até ao início dos anos 80, "quando uns pequenos bancos, os 'Savings and Loans' (S&L), de carácter local e, muitas vezes, rural, entraram em bancarrota", destaca a economista. "Os seus créditos foram assumidos pelo Departamento do Tesouro, que os tentou vender no mercado financeiro. Dado o enorme volume de tais activos, e porque não havia comprador para tudo, o Departamento do Tesouro titularizou-os. Não foi uma novidade: existia já um mercado em que os bancos compravam e vendiam os seus empréstimos sob a forma de títulos".

Continuando nesta analepse, Vera

PELA PRIMEIRA VEZ, A ORDEM DOS ECONOMISTAS NA MADEIRA ELEGE O FACTO ECONÓMICO

Gouveia Barros lembra que "os activos dos S&L vieram dar-lhe um grande impulso e transformar este mercado num modo dos bancos diversificarem o seu risco. O que tornou possível conceder empréstimos a grupos de maior risco. Empréstimos que eram normalmente contrahidos com uma taxa baixa nos primeiros 2 anos, a qual aumentava significativamente nos 28 anos seguintes, para compensar o risco. Empréstimos arriscados, cuja classificação pelas agências de rating foi abaixo de A-prime (e daí a designação de subprime)".

Junte-lhe "a mais rápida descida das taxas de juro que os EUA conhe-

ceram", frisa e "adicione investidores em busca de algo que substitua as suas actividades bolsistas, já que a Bolsa colapsara. Mantenha as taxas de juro baixas (foi o que fez o FED), deixe a especulação tomar conta do mercado imobiliário e... Voilà!, sai uma crise financeira que é considerada a pior desde a trágica quinta-feira de 1929", consubstancia.

Recorrendo a uma citação do britânico John Maynard Keynes, a responsável da OE na Madeira lembra que "quando no início da Grande Depressão perguntaram a Keynes se a história havia conhecido algo de parecido, respondeu ele: "Sim, chamava-se Idade das Trevas e durou 400 anos". A situação actual não se resume à falência de meia dúzia de bancos - que muito boa gente acharia providencial -, mas sim a uma crise financeira, que se começa a reflectir na economia real", sentença: "Com os activos a perderem valor e o acesso ao crédito dificultado, reduz-se o consumo e o investimento" e "o abrandamento da actividade eco-

nómica gera desemprego e aumenta o risco de incumprimento no pagamento das dívidas, o que, por sua vez, fragiliza o sistema financeiro e dificulta ainda mais o acesso ao crédito, num ciclo vicioso que pode ser amplificado pela perda de confiança dos agentes económicos".

Acreditando num maior conhecimento sobre o funcionamento da economia actual face à Idade das Trevas, Vera Barros refugia-se no facto dos "principais bancos centrais" estarem a seguir "uma política monetária expansionista, procurando restabelecer a confiança nos mercados". Mas, também, porque "os governos têm tomado medidas no sentido de minimizar os efeitos de 'feedback' entre mercados financeiros e actividade económica". E conclui: "Do sucesso destas políticas dependerá a maior ou menor profundidade da crise. Espero que, escrevendo daqui a um ano sobre a eleição do 'facto económico' de 2009, ele possa não ser a crise económica".



Do 'crash' bolsista às medidas dos Estados para controlar a crise financeira, o balanço de um ano. FUTU AP

INDICADORES

CÂMBIOS

Libra Esterlina	▼	0,95
Dólar EUA	▼	1,39
Iéne	▼	126,42
Real do Brasil	▼	3,25
Bolívar Forte	▲	0,306

EURIBOR

1 mês	▼	2,603
3 meses	▼	2,892
6 meses	▼	2,971
12 meses	▼	3,049

MERCADOS

BOLSAS

PSI20	▲	6.361,16
Dow Jones	▲	8.668,39
FTSE100	▲	4.392,68
NASDAQ	▲	1.201,34
IBEX 35	▲	9.195,80

PSI 20 MAIORES SUBIDAS ▲

BCP Nom.	1,89%	0,81
Sonae SGPS	1,61%	0,44
Teixeira Duarte	1,30%	0,62
Portugal	0,91%	1,55
BES	0,77%	6,55

PSI 20 MAIORES DESCIDAS ▼

Jerdónio Martins	2,67%	3,98
ZON Multimédia	2,37%	3,70
REN	1,45%	2,71
BPI	1,19%	1,75
Sonae Ind. S.	0,90%	1,53

PSI 20 MAIS NEGOCIADAS

BCP Nom.	4.177,949
Sonae SGPS	3.277,116
BPI	1.195,998
EDP	708,830
Portugal Telecom	583,556

Nota: Até ao encerramento desta edição às 12h00 de ontem.

Volume de negócios no comércio a retalho baixou 0,8%

O volume de negócios do comércio a retalho baixou 0,8 por cento em Novembro, face à igual mês do ano anterior, completando três meses de quedas, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) ontem divulgados.

Os dados corrigidos dos dias úteis e da sazonalidade mostram que esta queda se seguiu a um recuo de 0,5 por cento em Outubro e que é já o terceiro mês de descidas.

A contribuir para esta deterioração da actividade do comércio a retalho esteve o segmento de produtos não alimentares, que baixou 3,9 por cento no penúltimo mês do ano.

Os dados do INE mostram ainda que o emprego no comércio subiu 0,3 por cento e que as remunerações cresceram 3,2 por cento, ambos em abrandamento face ao mês anterior.

Macau quer fugir à crise

O ano de 2009 será "crucial" em termos políticos e sócio-económicos para Macau, afirmou ontem o chefe do Executivo, que salientou os dois actos eleitorais e o impacto da crise financeira na Região.

No que toca ao campo sócio-económico, o líder do Governo recordou que a crise financeira mundial "tem vindo a trazer impactos negativos cada vez mais relevantes ao processo de desenvolvimento de Macau", pelo que Governo e população "deve manter um elevado sentido de alerta em relação aos riscos que advirão des-

ta crise para Macau e estar mais bem preparados para os desafios do presente ano".

No entanto, Edmund Ho, que termina o mandato no final de 2009, acredita que o trabalho desenvolvido nos últimos anos tem vindo a consolidar as bases da economia "reforçando assim a capacidade dos cidadãos para vencer as dificuldades" e, apesar dos tempos difíceis em todo o mundo, o Governo Central chinês já anunciou várias medidas de apoio ao território que considera "eficazes para ajudar Macau a ultrapassar" a crise.

TOURS
Travel Consultants

A todos os nossos clientes, amigos e parceiros
os nossos desejos de um Ano Novo
Cheio de Paz, Saúde e Sonhos Concretizados...

Feliz 2009

www.intertours.com.pt | info@intertours.com.pt | Telefones: 291 208 920 * 291 206 500 * 291 922 397